

***SÃO AS PEDRAS
QUE FALAM***

Livro 88

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



‘FÁBRICA’ DE VINHO DE 2.600 ANOS DESENTERRADA NO LÍBANO Tom Metcalfe – estudo publicado na revista Antiquity.

Os arqueólogos descobriram novas evidências do extenso comércio de vinho no exterior pelos antigos fenícios, com a descoberta do mais antigo lagar de vinho do Líbano.

A descoberta lança uma nova luz sobre a produção de vinho pelos fenícios, os mercadores marítimos que introduziram uma cultura de beber vinho em todo o antigo Mediterrâneo, e cuja influência persiste na popularidade mundial da bebida.



II

Escavações em Tell el-Burak, cerca de cinco milhas ao sul da cidade costeira libanesa de Sidon, revelaram os restos bem preservados de uma prensa de vinho usada pelo menos desde o século VII a.C. É a primeira prensa de vinho já encontrada nas terras dos fenícios, que correspondeu aproximadamente ao Líbano moderno.

III

Um grande número de sementes mostra que as uvas eram trazidas de vinhedos próximos e esmagadas por pisadas em uma grande bacia de gesso durável que podia conter cerca de 1.200 galões de suco natural.

O “mosto” resultante era coletado em uma grande cuba e armazenado em potes de cerâmica característicos, conhecidos como ânforas, para fermentação, envelhecimento e transporte.



IV

A prensa do vinho foi escavada junto com quatro casas de tijolos em Tell el-Burak, parte de um assentamento fenício habitado entre os séculos VIII e VI a.C que provavelmente se dedicava à produção de vinho para comercialização no exterior.

V

“O vinho era um importante item de comércio fenício”, diz Hélène Sader, arqueóloga da Universidade Americana de Beirute e codiretora do Projeto Arqueológico Tell el-Burak. O vinho fenício da região de Sidon era particularmente famoso e mencionado em textos do antigo Egito, acrescenta ela.

Mas poucas evidências de vinificação fenícia foram encontradas no próprio Líbano, possivelmente devido à natureza aleatória das escavações arqueológicas.



VI

A costa do Líbano nunca foi exaustivamente pesquisada, e muito poucos locais com vestígio da Idade do Ferro (fenícios) foram devidamente escavados, diz Sader.

Alguns locais de produção de vinho semelhantes, no entanto, foram encontrados na costa norte do que hoje é território palestino ocupado, que pertencia na época aos reinos fenícios de Tiro e Sidon.

VII

Os fenícios não inventaram o vinho -evidências dele de cerca de 8.000 anos atrás foram encontradas no país da Geórgia – mas eles espalharam a vinificação por todo o Mediterrâneo antigo, junto com o azeite de oliva e inovações como o alfabeto e o vidro.

Antigos marinheiros introduziram vinhedos e vinícolas em suas cidades colônias no norte da África, Sicília, França e Espanha. E eles o popularizaram por meio do comércio com a Grécia e a Itália antigas, onde o vinho das uvas selvagens era conhecido na época, mas não tão desenvolvido, diz o arqueólogo da Universidade de Toronto Stephen Batiuk, que não esteve envolvido na pesquisa. Os fenícios introduziram uma cultura de bebida (novos estilos de) recipientes para beber e uma maneira diferente de se relacionar com o vinho.

O amor dos fenícios pelo vinho estendia-se à sua religião, e seu uso cerimonial se refletia também em outras religiões próximas do Oriente Próximo.

VIII

Segundo o arqueólogo Patrick McGovern da Universidade da Pensilvânia, o vinho era a principal bebida dos fenícios para o sacrifício, mas isso já estava ocorrendo com os cananeus, antecessores dos fenícios, e foi transmitido ao judaísmo e ao cristianismo. Ele especula que Tell el-Burak pode ter fornecido algumas das centenas de ânforas de dois naufrágios fenícios em Ashkelon, na Palestina ocupada, que datam aproximadamente da mesma época.



IX

O projeto Tell el-Burak é um esforço conjunto de uma equipe da Universidade Americana de Beirute e arqueólogos da Alemanha que estudam o local desde 2001, embora não tenha havido trabalho em Tell el Burak nos últimos dois anos devido as dificuldades econômicas do Líbano, diz Sader.

A IDEIA

A ideia da eternidade é a expressão mais profunda na história do homem. Isso marca o avanço ao logos, ao espírito. Esta transcendência se manifesta visivelmente na arte abstrata e, idealmente em duas grandes esferas: o desenvolvimento da ideia do poder e no mito. E o conteúdo do mito é a parábola da fecundidade, a morte e o nascimento. Profundamente Goethe diz:

Quando longe chegue o ouvido, qual longe a vista,
Só encontras o conhecido que iguala,
E o mais alto voo fogoso do teu espírito
Se basta já no símbolo e a imagem.
Te trai, te leva de satisfeito mais além,
E onde vás, se embelezem caminhos e lugares.
Não contas mais, não medes o tempo,
E cada passo é o incomensurável.

DOCES SONHOS

De tão doces prefiro degustá-los no lugar de sonhá-los.



A PAISAGEM MEMÓRIA SOCIAL

A paisagem seria um mero local de prazer não fosse uma memória social. Como seria de se esperar, aqueles que a pensam, além de contemplá-las enraízam um culto à natureza e resgatam o sentido histórico presente nos recorrência de antigos motivos guardados como expressão. São trilhas que funcionam como gestos que acenam na direção do nosso olhar funcionando como um instinto antigo e irresistível. Então, paisagem é memória transportada por hábitos de ter saudade. Esta atenção preserva a natureza do seu esgotamento, olhares afetivos veneram seus valores, marcar a união da cultura e da natureza.

DOS OBJETOS ESTÁTICOS NASCEM OLHARES LIBERTÁRIOS

Abandona-se a ausência e se transforma em presença os sentidos que ali pareciam não fazer nada. Dos objetos estáticos nascem olhares libertários oferecendo novos sentidos viajando com o destino para celebrar um mundo tirado o passado do seu lugar e tornando-o nosso. Mudado seu destino histórico podem-se ver nestas paisagens misturas de odores, calores insistentes, mãos dadas que se saíram sem deixar rastros, pegadas dedicadas a percorrer entre árvores já derrubadas e flores descoradas pela ação do tempo. Para isso tinha que esperar o olhar recorrer as trilhas plantadas convidando a perder a indiferença. A conversão da paisagem em portadora de memória traz à superfície coisas sepultadas debaixo da terra indiferentes. Legitimadas as árvores, sempre que lá se retorne as encontrarão como fieis guardiões, vivos, esperando a homenagem de se tornarem monumentos.

NAS PAIXÕES

Nas paixões a gente perde a prudência e se entrega sem dimensionar o quanto se é capaz de amar.



TERRA MÃE - DARDEL

“Já que a Terra é a mãe de todo o vivente, de tudo o que é, um nexo de parentesco une o homem a tudo o que lhe rodeia: a humanidade, aos animais, inclusive as pedras. A montanha, o vale, o bosque, não são simplesmente um marco, um “exterior”, por mais familiar que sejam. São o mesmo homem. É onde se realiza e se conhece.”

AMAR E SER-AMADO

A necessidade de Amar e Ser-amado, a carência da Estima dos Outros e a Extrema Fragilidade por falta de auto-suficiência, vivência dos anos iniciais da vida dos humanos, determinam que eles tendem a buscar ao longo de toda sua existência um lugar de garantia contra o abandono e a solidão. Buscam condições favoráveis ao reconhecimento e à consideração dos demais. Este lugar se dá no que denomino Encontro Humano.

O amor romântico tornou a necessidade de amar e ser-amado em uma virtude. Todavia, a banalização de seu uso, promove a desvirtualização, nivelando-o a outras realizações.



APRENDER A VER O MUNDO

Aprender a ver o mundo é uma arte que exige humildade e sensibilidade, porém presenças incógnitas tiram a intimidade da evolução que naturalmente tem um encontro com características ricas e fortes em pleno nos oportunizam.

PLATÉIAS SILENCIOSAS

Plateias silenciosas guardam sabedorias e incógnitas como a crítica sagaz e ignorante, sem dar-nos a oportunidade do debate, enquanto o silêncio da prudência dirige para onde ir.



MODELOS

Considerando os fundamentos que regem as relações entre os humanos os modelos básicos oferecidos pela pequena população que convive com cada ser durante sua infância, ou seja, família, escola e grupos sociais. Geralmente nestes lugares, as vivências são diferentes daquelas que se encontram no mundo familiar, sempre considerando que há exceções. É evidente o despreparo para a convivência com o mundo, com o sub-mundo, com os mundos paralelos que quase nunca são apresentados às crianças. Porém não podemos deixar de considerar que eles são cada vez

mais sofisticadamente organizados, promovem ações sociais, violências organizadas, governos paralelos, escolas informais, economias informais e outras tantas organizações presentes na vida cotidiana.



SENECA

Quando não se sabe onde vai o vento a favor não leva a nenhuma parte.



PELOS AUSENTES

Carências urgentes saem brindando pelos ausentes, um passado não se deixa, é como a terra que nos habita. Uma terra nunca se deixa.

PAZ

Paz no teu coração, ele ainda irá ter que funcionar muito, por muitas razões, por muitos valores.



NÃO ESCREVO

Não escrevo para omissos e indiferentes, não porque os despreze, o problema é que a minha sinfonia não toca nos seus ouvidos.

GUERRA A COOPERAÇÃO PARA O ROUBO - Bronowski

Genghis Khan era um nômade e inventor de uma poderosa máquina de guerra – essa conjugação pode esclarecer muita coisa sobre as origens da guerra na história humana. É claro que podemos cerrar os olhos e especular sobre algum instinto animal como responsável pela gênese desses conflitos: como se nós, à semelhança do tigre, ainda tivéssemos de matar para viver ou, tal qual o sabiá-laranjeira, defender o território do ninho. Mas a guerra, a guerra organizada, não é um instinto humano. Ela representa muito mais uma forma altamente organizada de cooperação para o roubo. E essa forma de roubo se iniciou há dez mil anos quando os agricultores acumularam reservas de alimentos, e os nômades assomaram do deserto com o objetivo de conseguir aquilo que, por eles mesmos, não podiam produzir. Evidência para isso encontramos nas muralhas de Jericó e em sua torre pré-histórica. Esse foi o começo da guerra.

UM POVO

A Bíblia documenta a história de um povo que optou abandonar o nomadismo pastoral pela agricultura tribal.



NATUFIANOS

A agricultura e pecuária natufiana (antecessores dos fenícios) é uma indicação de que elas não permanecem estáticas. Cada estágio da domesticação de plantas e dos animais requer invenções, novas técnicas e novos fundamentos científicos.

A ORIGEM DA OUSADIA

A origem da ousadia: Trata-se de um rito ou é um ponto fixo de onde arrancam forças para seguirem adiante aqueles que, todos os dias enfrentam mares bravios, tempestades de fome, furacões de desconfianças, olhares fétidos, desprezos acintosos, atitudes intrusas, dolorosas falta de escutas, rechaços invisibilizadores, imutáveis abandonos, reiterados desertos, as humilhantes esmolas, nada de sorrisos, a brevidade da vida; ponto final da existência.

Roberto Curi Hallal

